

Novos brasileiros nos jogos olímpicos: a presença de migrantes internacionais na delegação do país na Rio-2016

New brazilians in olympic games: the presence of international migrants in the delegation of the country at Rio-2016

ALMEIDA WD, RUBIO K. Novos brasileiros nos jogos olímpicos: a presença de migrantes internacionais na delegação do país na Rio-2016. *R. bras. Ci. e Mov* 2018;26(1):131-142.

RESUMO: Nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, 23 dos 465 atletas que representaram o Brasil nasceram em outros países. Alguns destes atletas são residentes no país, outros são filhos de brasileiros e vivem no exterior e há ainda alguns que não tinham ligações com o país antes da realização dos Jogos Olímpicos, mas receberam propostas ao longo do último ciclo olímpico para tornarem-se brasileiros. Esta não é uma prática nova, uma vez que a primeira participação de um atleta nascido em outro país pelo Brasil ocorreu em 1920, como atirador Sebastião Wolf, nascido na Alemanha. Em algumas modalidades a participação destes imigrantes teve destaque, como por exemplo, no judô, que teve a presença de Chiaki Ishii como atleta e medalhista, nos Jogos de Munique, em 1972, e depois como técnico de atletas que tiveram destaque pelo país. O objetivo deste artigo é descrever, a partir das biografias dos atletas olímpicos imigrantes em 2016, o tipo de relação estabelecida com o Brasil, discutindo as distintas condições que possibilitaram seu estabelecimento no país, a partir de diálogo com a literatura específica de migração no esporte. O método utilizado foi baseado uma análise de biografia pública dos atletas, disponibilizada pelo Guia de Mídia distribuído pelo Comitê Olímpico do Brasil e fontes jornalísticas com informações sobre os atletas que participaram dos Jogos Olímpicos Rio-2016. O termo migrantes internacionais é aplicado uma vez que parte dos atletas elencados no estudo é considerada brasileira nata, por questões de ancestralidade, mas há também atletas naturalizados.

Palavras-chave: Imigrantes; Imigração; Esportes; Atletas olímpicos brasileiros.

ABSTRACT: At the Olympic Games in Rio de Janeiro in 2016, 23 of the 465 athletes who represented Brazil were born in other countries. Some of these athletes are resident in the country, others are Brazilian children and live abroad and there are still some who had no ties with the country before the Olympic Games, but received proposals during the last Olympic cycle to become Brazilian. This is not a new practice, since the first participation of an athlete born in another country by Brazil occurred in 1920, as a German-born shooter Sebastian Wolf. In some ways the participation of these immigrants was highlighted, such as in judo, which was attended by Chiaki Ishii as an athlete and medalist, at the Munich Games in 1972, and later as a coach of athletes who were highlighted by the country. The objective of this article is to describe, from the biographies of Olympic athletes immigrants in 2016, the type of relationship established with Brazil, discussing the different conditions that allowed its establishment in the country, from a dialogue with the specific literature on migration in sport. The method used was based on an analysis of public biography of the athletes, made available by the Media Guide distributed by the Brazilian Olympic Committee and journalistic sources with information about the athletes who participated in the Rio 2016 Olympic Games. The term international migrants is applied since part of the athletes enrolled in the study is considered Brazilian born because of ancestral issues, but there are also naturalized athletes.

Key Words: Immigrants; Immigration; Sports; Brazilian Olympic Athletes.

William D. de Almeida¹
Katia Rubio¹

¹Universidade de São Paulo

Introdução

Em 2016, o Brasil sediou pela primeira vez na história uma edição dos Jogos Olímpicos. Nessa ocasião, o país teve a maior delegação de todos os tempos, formada por 465 atletas. Em 2016, o atletismo, esporte que distribui o maior número de medalhas em Jogos Olímpicos e que tem o programa mais amplo da competição, foi a modalidade com o maior número de inscritos: 67, seguido pelo futebol, com 36, e pela natação, com 33. Como anfitrião, o Brasil teve ainda a oportunidade de participar em cinco modalidades que nunca antes disputara: badminton (2 atletas), ginástica de trampolim (1 atleta), golfe (3 atletas), hóquei sobre a grama (16 atletas) e rúgbi (24 atletas)^{1,2,3}.

Nesta edição houve ainda a presença de 23 atletas que nasceram em outros países, mas que representaram o Brasil. É importante ressaltar que é possível ser considerado um brasileiro nato mesmo tendo nascido em outro país. A definição de nacionalidade varia entre países e, em geral, segue dois critérios: *jus soli* e *jus sanguinis*⁴.

Pelo critério do *jus soli*, serão nacionais aqueles que nascerem no território do Estado, independentemente da nacionalidade de seus ascendentes. Por outro lado, o critério do *jus sanguinis* entende que será nacional todo aquele que descender de nacionais independentemente do território do nascimento (p. 3).

O Brasil adota como regra o *jus soli*, mas existem tantas exceções ao *jus sanguinis* que o sistema pode até ser considerado misto⁴. A presença de atletas nascidos em território estrangeiro, mas com ancestralidade e que por isso reivindicam uma nacionalidade diferente não é algo exclusivo do Brasil. Spiro⁵ e Houlihan⁶ apontam que vários competidores baseiam-se no *jus sanguinis* como critério para escolha do país que irão representar em competições esportivas e que, muitas vezes, estes atletas sequer falam o idioma ou vivem nos países os quais estão representando.

Além dos brasileiros natos, a delegação também contou com um grande número de naturalizados, ou seja, pessoas que não se enquadram no *jus solis* ou *jus sanguinis*, mas que obtiveram a cidadania brasileira. Esta situação não foi uma exclusividade da edição de 2016 dos Jogos Olímpicos. Entre 1920, data da primeira participação oficial de uma delegação brasileira em Jogos Olímpicos e 2012, o país foi representado por 32 atletas nascidos em outros países, segundo levantamento realizado com base no livro *Atletas Olímpicos Brasileiros*⁷. Alguns destes imigrantes tiveram papel de destaque no esporte nacional, como Chiaki Ishii, judoca que esteve nos Jogos de Munique 1972, que atuou ainda como técnico⁸, e do velejador Burkhard Cordes, medalhista de bronze nos Jogos de 1968. Burkhard era atleta do Yacht Club Santo Amaro, instituição fundada por alemães no início do século XX e que até os dias atuais é uma das principais do esporte no Brasil⁹.

Antes dos Jogos de 2016, as edições com o maior número haviam sido as de 1964 e 1996, com cinco atletas nestas condições em cada. No Rio de Janeiro esse número chegou a 23 esportistas, sendo os casos mais emblemáticos do pólo aquático, com sete dos 26 convocados nascidos em território estrangeiro. Seis dos 16 integrantes da seleção brasileira de hóquei sobre a grama nasceram em outros países, assim como três atletas das equipes de rúgbi. As delegações de atletismo, nado sincronizado, esgrima, wrestling, remo, tênis de mesa e vela tiveram um atleta nesta situação, cada.

Salientamos, porém, que o fenômeno das naturalizações não está restrito ao Brasil. Em 2012 foi registrada a presença de 270 casos de atletas naturalizados em diferentes delegações que participaram dos Jogos Olímpicos de Londres¹⁰. Outro dado referente a esta edição olímpica é que 23 dos 48 participantes da disputa do tênis de mesa presentes nos Jogos Olímpicos de Londres nasceram na China¹¹, sendo a exportação de atletas do país uma característica da modalidade. Outro esporte com um grande número de atletas naturalizados é o atletismo, tendo em vista que mais de 250 atletas pediram mudanças de nacionalidade entre 1998 e 2007¹².

Este artigo tem como objetivo descrever, a partir das biografias dos atletas olímpicos imigrantes em 2016, o tipo de relação estabelecida com o Brasil, discutindo as distintas condições que possibilitaram seu estabelecimento no país, a partir de diálogo com a literatura específica de migração no esporte. O artigo aponta ainda a importância que atletas nascidos em outros países desempenharam no esporte brasileiro durante o século XX. Tendo em vista o recorte escolhido, enquadram-se atletas que são brasileiros natos utilizando-se da prerrogativa do *jus sanguinis*, quanto atletas naturaliza-

dos. Como o foco do trabalho são atletas que representaram o Brasil, não foi feito um levantamento de competidores que nasceram no país e representaram outras nações.

Maguire¹³ detecta cinco perfis possíveis: pioneiros, nômades, residentes, repatriados e mercenários. Este trabalho, além de estabelecer essa padronização, busca compreender as motivações que levaram os indivíduos a procurar o Brasil e qual a ligação entre eles e o país.

Materiais e métodos

O método adotado neste trabalho foi a análise de biografia pública dos atletas disponibilizada pelo Guia de Mídia distribuído pelo Comitê Olímpico do Brasil¹, bem como notícias de diferentes mídias^{2,3,14-17} e pelo Comitê Olímpico Internacional¹. Vale destacar que os sites assumiram, neste caso a função informativa, mas que devem ser considerados dentro do contexto histórico em que foram produzidos. Lico¹⁸ e Lemos¹⁹ pontuam que a leitura de jornais e revistas ajuda na compreensão de um fato, porém, destacam que o estudo com estes materiais não deve ser feito de maneira isolada, uma vez que há o risco de algumas informações estarem equivocadas ou incompletas. O artigo apresenta os atletas divididos por modalidades, trazendo informações básicas, como o local de nascimento, se o mesmo é brasileiro nato ou naturalizado e as relações familiares com o país.

Os imigrantes e o esporte brasileiro

As marcas da presença de imigrantes no esporte brasileiro começam antes mesmo da primeira participação do Brasil em Jogos Olímpicos. Vários clubes e instituições fundadas no final do século XIX e início do século XX estão, até os dias atuais, entre as mais importantes do país. Alguns exemplos são o Grêmio Náutico União, de Porto Alegre, que surgiu com o nome de Ruder Verein-Freundschaft²⁰, e o Yacht Club Santo Amaro, de São Paulo, que inicialmente recebeu o nome de Deutscher Segel-club⁹, ambos fundados por comunidades alemãs. O clube gaúcho mudou de nome em 1917, em virtude da participação alemã na Primeira Guerra Mundial. Já a agremiação paulista fez a troca na década de 1940, motivada pela determinação governamental contra instituições estrangeiras, promovida pelo governo Vargas²¹.

Além da formação de clubes, outro papel desempenhado pelos imigrantes no Brasil neste período foi a introdução de modalidades esportivas, como o futebol, criado na Grã-Bretanha e difundido no Brasil por meio dos marinheiros que chegaram em embarcações inglesas, bem como pelos funcionários de companhias têxteis, elétricas, de estradas de ferro, fenômeno similar ao ocorrido em outras partes do mundo. Hobsbawm²² destaca que diversas associações esportivas foram criadas em vários países por operários de empresas inglesas, principalmente ligadas à implantação de ferrovias. Lemos¹⁹ esclarece ainda que junto a estes estrangeiros “chegavam ao país também as normas de conduta e com elas a prática de modalidades esportivas tais como são praticadas contemporaneamente (p. 10)”.

A entrada brasileira nos Jogos Olímpicos ocorreu em 1920², quando a competição já havia se convertido em um importante evento internacional, sendo esta considerada a fase de afirmação dos Jogos, que durou até 1936²³. Neste período, o Brasil foi representado por dois atletas estrangeiros, Sebastião Wolf, atirador que esteve em Antuérpia, em 1920, e Carlos Woebcken, do atletismo, que participou dos Jogos de Los Angeles, em 1932. Ambos nasceram na Alemanha, país que enviou ao Brasil mais de 220 mil imigrantes entre 1820 e 1939, segundo o IBGE²⁴.

Em virtude da Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1940 e 1944 os Jogos Olímpicos não foram realizados. A competição voltaria a ser organizada em 1948, iniciando a fase de conflito²³. Este foi um período de tensão política

¹ Alguns dados foram coletados do sistema MyInfo, disponibilizado pelo COI durante a cobertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 aos jornalistas credenciados para a cobertura do evento. O sistema foi desativado pelo COI logo após o encerramento dos Jogos, mas foi possível manter arquivadas as páginas com os dados de atletas.

² Há registros da participação de Adolphe Christiano Klingelhoefter em 1900, no atletismo. Ele era filho do vice-cônsul brasileiro na França. Todavia, naquela época a inscrição podia ser feita de maneira individual, não ligada a um Comitê Olímpico Nacional⁷.

mundial, com dois polos antagônicos protagonizados pela União Soviética e Estados Unidos, denominado Guerra Fria. Marques *et al.*²⁵ sinalizam que logo as configurações políticas deste período levaram a um falseamento do amadorismo, que levou à fase do profissionalismo, vivida a partir do final da década de 1980. A discussão do amadorismo levou a uma série de debates em tempos de Guerra Fria^{26,27}, sendo que um dos principais obstáculos enfrentados era justamente conseguir definir com clareza o que era ou não um atleta amador. Dentre os representantes do Brasil em Jogos Olímpicos, neste período houve a presença de 16 atletas nascidos em território estrangeiro. O aumento no número absoluto também se refletiu na diversidade de nações: Itália, Portugal, Argentina, Ucrânia, Hungria, Alemanha, Bélgica, Lituânia, Japão, Suécia, Suíça, Uruguai e França. Também é importante destacar que estes atletas estiveram distribuídos em diferentes modalidades (remo, basquete, pólo aquático, vela e judô).

De acordo com Maguire¹³, os pioneiros são aqueles que participam da introdução ou divulgação das modalidades esportivas no país para o qual migraram. Já os residentes acabam se estabelecendo no local de destino, tonando-se verdadeiros cidadãos do local, sendo que o motivo que levou à migração, nestes casos, pode ou não ter relação com a prática esportiva. Os mercenários são motivados por ganhos financeiros e, muitas vezes, contam com a ajuda de agentes que ajudam a assegurar acordos financeiros, não mantendo relações afetivas ou sentimento de pertencimento com os locais pelos quais competem ou residem. Os nômades usam as carreiras esportivas para viajar, conhecer novas culturas e acabam desfrutando da condição de serem estrangeiros em diferentes locais. Por fim, há aqueles que depois da migração acabam voltando ao local de origem, que são considerados os repatriados.

Segundo estes parâmetros, um exemplo de pioneiro no esporte brasileiro é Chiaki Ishii, judoca que nasceu no Japão e, representando o Brasil, conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de 1972, na Alemanha. Nunes⁸ pontua que quando Ishii desembarcou no Brasil, na década de 1960, o judô já estava disseminado pelo país, uma vez que, já na de 1920 havia alguns nomes importantes da modalidade no país, tais como Tatsuo Okoshi, Katsutoshi Naito, Tokuzo Terazaki, Yassuishi Ono, Sobei Tani e Ryuzo Ogawa. Todavia, o autor destaca a importância de Ishii como um dos generarcas do judô brasileiro, pois, além de atleta, ele foi técnico do medalhista olímpico Walter Carmona e de treinadores que posteriormente trabalharam com outros medalhistas olímpicos, como Tiago Camilo e Carlos Honorato. Ishii tanto pode ser considerado um pioneiro como residente, uma vez que ainda mora no Brasil.

Lars Björkström, ganhador da primeira medalha de ouro da vela brasileira em Jogos Olímpicos, ao lado de Alex Welter, nasceu na Suécia e chegou ao Brasil após uma viagem a passeio de moto pela América⁷. É possível defini-lo como um nômade¹³, condição cada vez mais usual no esporte por proporcionando ao atleta a oportunidade de visitar diversos países levando, inclusive, alguns a estabelecer residência em um outro local.

Outro nômade, mas com uma trajetória totalmente distinta, é Aladar Szabo, jogador de pólo aquático nascido na Hungria em 1933 e que representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de 1964, em Tóquio. Antes de representar o Brasil, ele chegou a defender a Hungria entre os anos de 1952 e 1956. Telles²⁸ aponta que Szabo deixou o país de nascimento devido a problemas políticos e que escolheu a Itália como destino. Anos depois, a convite de João Havelange, mudou-se para o Brasil, onde atuaria, em princípio, como técnico da equipe do Fluminense. Porém, como ainda ostentava uma boa forma física, acabou atuando como atleta. Jogou também pelo Botafogo e em 1962 conseguiu a naturalização tornando-se um dos pilares da conquista do título nos Jogos Pan-Americanos de 1963.

Com as histórias mostradas acima se observa que a situação dos atletas estrangeiros tornou-se mais diversa com o passar dos anos. Os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, são apontados por diversos autores^{18,23,25,26,27} como um marco na história olímpica pela superação do amadorismo e a formalização do profissionalismo. Este fato coincide não apenas com o fim da Guerra Fria, mas também com o início de uma nova concepção sobre os Jogos.

Desde então, o Brasil foi representado em Jogos Olímpicos por 14 atletas nascidos em outros países entre 1988 e 2012. Cinco atletas nascidos em território estrangeiro participaram de mais de uma edição olímpica pelo Brasil neste

período⁷ (Sebastián Cuatrin, canoísta nascido na Argentina que esteve nos Jogos de 1992, 1996, 2000 e 2004; Rodrigo Pessoa, cavaleiro nascido na França e que foi aos Jogos de 1992, 1996, 2000, 2004, 2008 e 2012; Flávio Canto, judoca nascido na Inglaterra que esteve em 1996, 2000 e 2004; Rosângela Santos, do atletismo, nascida nos Estados Unidos que esteve em 2008 e 2012 e Patrícia Freitas, velejadora que esteve em 2008 e 2012).

De acordo com Rubio²³ no formato comercial decorrente do novo modelo estabelecido são inevitáveis a especialização e a profissionalização no esporte contemporâneo. Esta especialização abre espaço para a participação de outra classe de atletas imigrantes, definida por Maguire¹³ como mercenários, ou seja, profissionais que vivem do esporte e buscam a melhor oportunidade de trabalho, mesmo que precisem mudar de país. Eles não têm ligações afetivas ou de pertencimento com o país onde atuam.

Esse conceito, no entanto, denota o entendimento do atleta como um representante de Estados Nacionais que já não se aplica a um mundo globalizado e transnacional, e minimiza a condição especializada como de qualquer outro profissional que busca melhores condições de trabalho, independentemente de onde essa oportunidade ocorrer. Essa classificação leva a alguns desafios, como distinguir os mercenários dos nômades. É o caso do jogador de basquete Larry Taylor, que representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. Nascido em Chicago, nos Estados Unidos, ele passou por México e Venezuela antes de chegar ao Brasil, em 2008. Quatro anos mais tarde, às vésperas dos Jogos Olímpicos de Londres, conseguiu a naturalização e representou o Brasil na competição. Larry manteve-se jogando em equipes brasileiras e participou da seleção brasileira durante todo o ciclo da Rio-2016, sendo cortado pelo técnico Rubén Magnano. Sua motivação inicial para vir ao Brasil foi a proposta profissional feita pelo Bauru Basket, porém, depois de oito anos sua permanência no país já envolve outros aspectos⁷.

Rodrigo Pessoa é um dos atletas que utilizaram o critério *jus sanguinis* para representar o Brasil em Jogos Olímpicos, mesmo não vivendo por aqui. Nascido na França, mora na Bélgica, mas representou o Brasil em seis edições olímpicas. Seu pai, Nelson Pessoa, é carioca e também foi atleta olímpico. Esse é um caso que também pode ser classificado como repatriado, ou seja, mesmo tendo a oportunidade de defender outra pátria, o atleta decidiu representar o Brasil⁷.

Em 2016, três atletas nascidas em outros países que já haviam representado o Brasil em outras edições olímpicas estiveram nas disputas: Rosângela Santos (atletismo), Patrícia Freitas (vela) e Gui Lin (tênis de mesa). Além delas, outros 20 atletas nascidos em outros países defenderam o Brasil, parte deles em modalidades com pouca tradição por aqui, mas que, como país-sede, teve direito de participar. Foi o caso do time masculino de hóquei sobre a grama, rúgbi e do pólo aquático feminino, que nunca antes estiveram os Jogos². Não por acaso, todas estas modalidades contaram com atletas que nasceram em outros países e que fosse por ancestralidade ou por naturalização representaram o Brasil. Considerando o esporte contemporâneo dentro da lógica do profissionalismo, Lee²⁹ diz que a importação de mão-de-obra é uma ferramenta importante e que pode ajudar a melhorar os resultados locais. Porém, apesar do grande número de atletas importados, nenhum naturalizado foi ao pódio nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

Imigrantes na delegação brasileira em 2016

A seleção brasileira masculina de hóquei sobre a grama teve a presença de seis atletas nascidos em outros países^{1,14,30}. Adam Imer, 26 anos, acumulava passagens pela seleção sub-21 da Austrália, mas nunca havia jogado pelo time principal do país onde nasceu e onde atua pelo clube Labrador, de Gold Coast. Casado com uma brasileira, decidiu defender a seleção brasileira, pois não vislumbrava uma vaga olímpica em seu país de nascimento. Chris Mcpherson nasceu na Grã-Bretanha e mudou-se para o Brasil em 2009, após casar-se com uma brasileira – o processo de naturalização foi concluído em 2013. Joaquin Lopez nasceu na Argentina e começou a praticar hóquei aos 14 anos. Mudou-se para o Brasil em 2014, no ano seguinte casou-se com uma brasileira, naturalizando-se na sequência. Ernst Rost-Onnes é considerado brasileiro nato por ascendência. O avô paterno dele, holandês mudou-se para a América do Sul nos anos 30, para traba-

lhar em um banco. Em 1942, nasceu o pai de Ernst, que viveu no Brasil até completar dez anos de idade, quando voltou para a Holanda, país onde Ernst nasceu e vive até os dias atuais, acumulando a prática do hóquei sobre a grama com o trabalho de empresário. Participaram da equipe ainda os irmãos Patrick Van der Heijden e Yuri Van der Heijden. Filhos de mãe brasileira e pai holandês, eles começaram a jogar na Holanda, país onde nasceram e vivem. Apesar de não serem profissionais na Europa, eles participaram de treinos no Brasil e foram convidados para representar a seleção nos Jogos Olímpicos de 2016.

A seleção brasileira masculina de pólo aquático contou com cinco atletas nascidos em outros países^{1,14,15}. Adrià Baches é filho de pai brasileiro e nasceu na Espanha, onde começou a jogar pólo aquático. O convite para representar o Brasil foi feito em 2013, após acumular passagens pelas seleções espanholas de base. Antes dos Jogos Olímpicos de 2016 o atleta estava vinculado a dois clubes: Pinheiros, em São Paulo, e Vasas, da Hungria. Ives Alonso nasceu em Cuba e mudou-se para o Brasil em 2008. Atleta do Esporte Clube Pinheiros, ele conseguiu a cidadania em 2014, o que lhe permitiu participar de outras competições pelo país, como o Campeonato Mundial de 2015, os Jogos Pan-Americanos de 2015 e a Liga Mundial de 2016. Antes de naturalizar-se, o atleta defendeu a seleção cubana no Mundial de 2005. Josip Vrljic é nascido na Croácia, não tem ligações familiares com o Brasil, mas era amigo de Felipe Perrone, atleta da seleção que o incentivou a naturalizar-se, antes mesmo da disputa dos Jogos Pan-Americanos de 2015. Paulo Salemi nasceu na Itália, filho de mãe brasileira e é atleta do Botafogo (RJ). Começou a jogar na cidade de Palermo onde nasceu. Chegou a participar de competições de base pela seleção italiana e decidiu representar o Brasil antes dos Jogos Pan-Americanos de 2015. O goleiro Slobodan Soro conquistou duas medalhas de bronze olímpicas representando a Sérvia, país onde nasceu: em Pequim 2008 e Londres 2012. Com essa seleção foi campeão mundial em 2009, vice em 2011 e quarto colocado no mundial de 2007. Após 2012 decidiu não jogar mais pela seleção do país, e recebeu uma proposta para naturalizar-se brasileiro, mesmo sem ter nenhuma ligação familiar com o país. É atleta do Botafogo (RJ)

O time feminino do Brasil teve duas atletas nascidas na França: as irmãs gêmeas Tess Oliveira e Amanda Oliveira^{1,31,32}. Amanda começou a praticar o esporte no clube Paineiras, em São Paulo, do qual é sócia desde a infância. Antes dos Jogos Olímpicos, já havia representado o Brasil nos Jogos Sul-Americanos de 2010 e no Pan de 2011, competições da qual a irmã também participou. Tess também esteve nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003, quando tinha apenas 16 anos. Ambas são atletas do clube Pinheiros, em São Paulo. Além de jogar pólo aquático, Tess também é amazona do Haras Jahu, da Capital Paulista.

Outra seleção feminina que teve uma atleta nascida em outro país foi a de rúgbi, com Isadora Cerullo^{1,33,34}. Nascida em Summit, nos Estados Unidos, ela é filha de brasileiros e começou a praticar o rúgbi na Universidade de Columbia, aos 19 anos. Em 2014, quando concluiu o curso de direitos humanos e biologia, foi aprovada para estudar medicina. O plano, porém, foi alterado com a oportunidade de mudar para o Brasil, onde começou a defender a seleção brasileira de rúgbi e atuar pelo Niterói Rúgbi. Além de ter sido atleta nos Jogos Olímpicos, Isadora foi voluntária nos Jogos Paralímpicos.

A equipe masculina de rúgbi do Brasil teve dois atletas nascidos em outros países: Juliano Fiori e Laurent Couhet^{1,35,36}. O pai de Juliano deixou o Brasil nos anos 70, como refugiado político. Primeiro viveu no Chile e depois estabeleceu-se na Inglaterra, onde Juliano nasceu. O atleta trabalhava na organização humanitária Save The Children, mas em 2016 tirou um ano sabático, mudando-se para o Brasil e dedicou-se exclusivamente à seleção de rúgbi. Laurent é filho de pai francês e mãe brasileira. O primeiro contato com o rúgbi ocorreu na França, onde nasceu. O atleta mora em São José dos Campos (interior paulista) e defende a equipe Bandeirantes.

No wrestling um dos representantes do Brasil foi Eduard Soghomonyan^{1,37,38}. Nascido na Armênia, o atleta mudou-se para o Brasil em 2011. O processo de naturalização foi lento e só teve a conclusão em 2014. Representante da equipe do Centro Olímpico, de São Paulo. Apto a representar o Brasil o atleta quase não competiu por problemas de saúde. Contraiu zika vírus e ficou fora da seletiva nacional, em março. Meses depois, conseguiu a vaga olímpica ao vencer

uma luta promovida pela Confederação Brasileira de Wrestling, contra Eduard e Antoine Jaoude.

No tênis de mesa o Brasil contou com Lin Gui, mesatenista que já havia representado o Brasil nos Jogos Olímpicos de 2012^{1,7}. Nascida na China, ela mudou-se para o Brasil aos 12 anos, mas só se naturalizou aos 18, às vésperas dos Jogos de Londres. É afiliada ao Palmeiras/São Bernardo

Luísa Borges¹ foi uma das atletas do país no nado sincronizado. Nascida em Fort Lauderdale, nos Estados Unidos, ela é atleta do Fluminense. É neta do presidente da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, Coaracy Nunes.

A esgrimista Nathalie Moellhausen^{1,39}, nascida na Itália, foi quinta colocada nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, representando o país de nascimento. Filha de mãe brasileira, ela fez uma pausa de dois anos na carreira. No ano de 2014, recebeu um convite da Confederação Brasileira de Esgrima para representar o Brasil nos Jogos do Rio, em 2016 e associou-se ao clube Pinheiros, de São Paulo.

A velejadora Patrícia Freitas^{1,7} nasceu em Washington, nos Estados Unidos, mas mudou-se aos 13 anos para o Brasil e já havia representado o país nos Jogos Olímpicos de 2008 e 2012. Começou no esporte incentivada pela irmã, Catarina, velejando pelo Iate Clube do Rio de Janeiro. Além de ser atleta, Patrícia é formada em arquitetura.

No atletismo o Brasil teve a velocista Rosângela Santos^{1,7,40}, filha de brasileiros, mas nascida em Washington, nos Estados Unidos. Ela mudou-se ainda na infância para o Rio de Janeiro. Em 2016, representou o Brasil pela terceira vez em Jogos Olímpicos. Em 2008, Rosângela foi a responsável por fechar o revezamento 4x100 brasileiros nos Jogos de Pequim, que ficou em quarto lugar. Em 2016, com a desclassificação por doping da equipe campeã olímpica russa, Rosângela conquistou a medalha de bronze.

Fechando a lista de atletas nascidos em outros países que representaram o Brasil está o remador Xavier Vela Maggi, nascido na Espanha, mas filho de pai brasileiro^{1,41}. Ele começou a praticar o esporte no país de nascimento e, ainda na Europa, participou de algumas competições profissionais. No ano de 2015 morou em Porto Alegre e depois, por um tempo, defendeu o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Antes dos Jogos Olímpicos do Rio, defendia o Grêmio Náutico União. O irmão de Xavier, Pau Vela Maggi, também esteve nos Jogos Olímpicos do Rio, mas representando a Espanha.

Um olhar sobre estes brasileiros

Os dados apresentados sobre estes atletas apontam que 15, dos 23, possuem algum parentesco consanguíneo com o Brasil (pai, mãe ou ambos) e que outros quatro são casados com brasileiros. Apenas quatro atletas não têm quaisquer ligações familiares com o país.

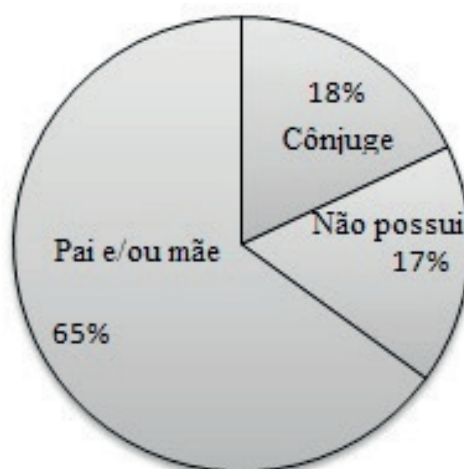


Figura 1. Parentesco com brasileiros.
Fonte: Levantamento dos autores.

Outro dado refere-se à iniciação esportiva destes atletas. Apesar de terem nascido no exterior, cinco dos atletas citados começaram a praticar esporte profissionalmente no Brasil. Os outros 18, porém, têm as trajetórias esportivas ligadas ao país de nascimento.

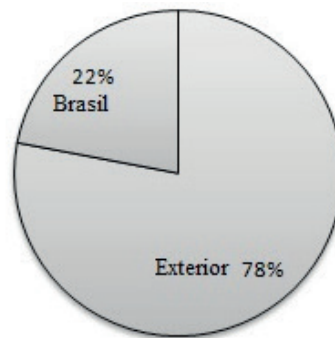


Figura 2. Onde fez a iniciação esportiva?
Fonte: Levantamento dos autores.

Vale ainda ressaltar que nove destes atletas já haviam representado outros países. Dentre eles, destaque para os atletas Slobodan Soro, medalhista de bronze pela Sérvia nos Jogos de Pequim e Londres; e Nathalie Moellhausen, que esteve nos Jogos Olímpicos de Londres, pela Itália. Os outros 14 atletas, porém, só participaram de competições internacionais pelo Brasil.

O fato de um mesmo atleta representar nações diferentes em momentos distintos é visto como inerente ao esporte profissional^{5,12}. Quando os países profissionalizam o esporte, há um interesse em aumentar o talento e a competitividade global, sendo necessário abrir o mercado de trabalho à mão de obra especializada, que muitas vezes vem de outros países. A resistência aos atletas naturalizados surge por conta da persistência em ver o esporte pela lógica da disputa entre Estados Nacionais e não como um campo profissional.

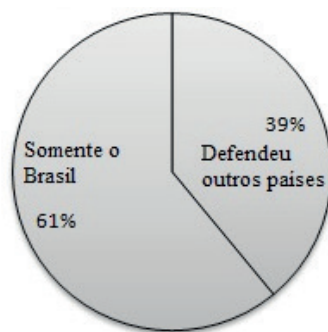


Figura 3. Participação em torneios internacionais.
Fonte: Levantamento dos autores.

Os atletas e as representações nacionais

A naturalização de atletas é uma prática adotada por muitos países nas últimas décadas^{5,6,10,11}. Às vésperas dos Jogos Olímpicos de Londres, entre os principais tópicos debatidos pela imprensa britânica estavam os “britânicos de plástico”⁴². Um levantamento feito pelo jornal Daily Telegraph apontou que 11% dos atletas que representaram o país sede nos Jogos de 2012 eram nascidos em outros locais. Além de atletas, o processo de importação de profissionais também envolve outras pessoas ligadas ao esporte, como técnicos e auxiliares, mas que a visibilidade dada pela mídia aos atletas é maior. Isso reforça ou atenua a condição de forasteiros, dependendo do resultado esportivo conquistado por cada atleta.

Além de atletas nascidos em outros países, há outros casos em que a questão da nacionalidade foi destacada pela

mídia brasileira antes dos Jogos Rio-2016. O pernambucano Stephane Smith foi adotado por um casal europeu na infância e reside na Inglaterra, onde aprendeu a jogar hóquei e atua profissionalmente. Brasileiro nato, mesmo sem nunca ter residido no país, ele se encaixou no perfil buscado pela Confederação Brasileira de Hóquei Sobre Grama para montagem do time, uma vez que a seleção foi formada não apenas por atletas profissionais, com passagens por outras seleções, mas sim de pessoas que tivessem alguma ligação familiar com o Brasil³⁰.

Observam-se, então, em uma mesma equipe, atletas em situações opostas. Alguns nasceram em outros países, mas vivem no Brasil, são casados com brasileiras e se naturalizaram competindo ao lado de brasileiros natos, que por direito têm a nacionalidade, apesar de não terem ligação com o país. Esta condição é possível em função da facilidade de mobilidade existente nos dias atuais, levando a um fenômeno definido por Maguire⁴³ como desterritorialização. Isto permite que países como o Catar adotem uma postura de profissionalização radical do esporte⁵, com a naturalização de vários atletas para representar o país em competições internacionais. Para Campbell¹² a lógica do esporte profissional contemporâneo superou a do esporte baseado no Estado-Nação e isto permite a alguns países investir em atletas de diferentes nacionalidades.

Santos⁴⁴ discute a mudança no conceito de território e de identidade territorial, com foco na economia e na circulação de pessoas. Para o autor

O resultado é a aceleração do processo de alienação dos espaços e dos homens, do qual um componente é a enorme mobilidade atual das pessoas: aquela máxima do direito romano, *ubi pedis ibi patria* (onde estão os pés aí está a pátria), hoje perde ou muda seu significado. Por isso também o direito local e o direito internacional estão se transformando, para reconhecer naqueles que não nasceram num lugar o direito de também intervir na vida política desse lugar (p. 18).

No entendimento autor o direito à nacionalidade é possível de ser estendido ao direito esportivo, no qual os cidadãos que vivem no Brasil passam a ter, então, o direito de representar o país nas competições esportivas, alterando a lógica da nacionalização ocorrida durante a fase de conflito (1948-1988)²³. Em alguns casos, estes atletas têm laços muito mais estreitos com o Brasil do que com o local de nascimento, o que torna mais fácil a compreensão pela escolha.

Contudo, em outros casos, mesmo tendo uma relação menos efetiva com o Brasil alguns atletas optam por uma repatriação ligada às origens familiares. Essa escolha favorece uma participação olímpica que seria inviável no país de origem. Esse é o caso dos jogadores de rúgbi Juliano Fiori e Laurent Couhet e da maioria dos atletas da equipe de hóquei sobre a grama. Já o remador Xavier Vela Maggi optou por representar o Brasil e o irmão, Pau Vela Maggi, a seleção espanhola. Ou seja, apesar dos laços sanguíneos, as oportunidades profissionais que surgiram para os dois atletas foram distintas e os levaram a lugares diferentes.

Outro caso de atleta repatriado está na equipe masculina de polo aquático do Brasil. Felipe Perrone nasceu no Rio de Janeiro, mas defendeu a seleção da Espanha nos Jogos Olímpicos de Pequim e Londres. No ano de 2013, após negociar com a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos e atuar pelo Fluminense, decidiu retomar a nacionalidade brasileira. O caso é semelhante ao da esgrimista Nathalie Moellhausen, que mesmo após defender a Itália em outra edição olímpica requereu a nacionalidade brasileira para estar nos Jogos do Rio de Janeiro.

Ao analisar os esportistas que imigram como atletas profissionais, Maguire¹³ faz uma comparação entre o esporte e a indústria de tecnologia, que busca os talentos em todo o mundo, independentemente da nacionalidade. O autor chega a classificar este movimento de fuga de músculos, em analogia à fuga de cérebros, comum no mercado tecnológico, onde há um grande fluxo de profissionais pelo planeta. Poli¹⁰ classifica estas naturalizações como comerciais ou instrumentais e considera que, nestes casos, não há laços entre os atletas e as nações que eles representam. Assim sendo, é possível comparar o movimento realizado pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, em buscar os atletas Slobodan Soro e Josip Vrljic, ao de uma empresa, que procurou no mercado mundial profissionais de alto nível e que atendessem a

uma demanda urgente, de grande exigência pública. A discussão, porém, é que, neste caso, os atletas não representavam um clube, mas um país, com o qual tinham pouca ligação e receberam salários por seu trabalho durante o ciclo olímpico. Cabe ressaltar que mesmo defendendo a seleção estes atletas tiveram passagem, pelo menos por um período, por clubes nacionais de polo aquático.

Pode-se constatar uma diferença entre o caso dos dois atletas do polo aquático e da nômade do tênis de mesa, uma vez que Lin Gui mudou-se para o Brasil aos 12 anos de idade, já com o objetivo de fazer um intercâmbio esportivo e depois manteve residência no país, optando pela nacionalidade brasileira. A situação de Gui parece mais próxima à do lutador Eduard Soghomonyan, que migrou para o Brasil a convite de membros da Confederação Brasileira de Wrestling, conseguiu a naturalização e, mesmo após a disputa dos Jogos de 2016, dizia ter a intenção de manter residência no Brasil, caracterizando-os como nômades que resolveram representar o país no qual decidiram viver.

Considerações

No caso dos 23 atletas que representaram o Brasil nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, é possível perceber perfis bastante distintos. Independentemente do local de nascimento, não há ainda como negar que vários atletas como Rosângela Santos, Patrícia Freitas, Luísa Borges, Amanda Oliveira e Tess Oliveira têm mais identidade com o Brasil do que com o país onde nasceram. Toda a trajetória esportiva destas atletas foi feita no Brasil, local onde elas vivem desde a infância. Por outro lado, o fato de modalidades como o hóquei sobre a grama e o rúgbi serem classificadas em função da condição de sede olímpica, fez com que as confederações brasileiras buscassem atletas competitivos pelo mundo. A oportunidade de participar de uma edição olímpica, mesmo sem expectativa de resultados expressivos, foi entendida como uma chance de alavancar a modalidade no país, um dos chamados legados. Situações como essas denunciam uma nova ordenação dos chamados valores olímpicos, uma vez que a excelência exigida para competir em nível olímpico não é conquistada senão após muitos anos de aprendizagem e aprimoramento. A contratação de atletas já formados em outros países é também uma forma de se avaliar a falta de políticas e de empenho no sentido de desenvolver uma modalidade esportiva.

Em uma sociedade cada vez mais conectada e com as facilidades de comunicação e deslocamento observados atualmente, promove uma reconceituação de nacionalidade, pelo menos no esporte. Os atletas não estão mais ligados unicamente aos clubes, cidades e países e têm a possibilidade de construir novas nacionalidades e identidades. Esta construção, em alguns casos, ocorre também como fruto da escolha profissional.

O processo de naturalização como de Slobodan Soro e Josip Vrljic aponta para a busca de oportunidade profissional, independentemente do apelo nacionalista. Este é o mesmo fator que leva os irmãos Xavier e Pau a representarem países diferentes em uma mesma edição olímpica.

Em tempos de rápida circulação de pessoas e de bens, inclusive os culturais, traçar limites precisos sobre o que é nacional e o que é transnacional é um desafio hercúleo, sendo este é um trabalho que exige a análise por diferentes óticas, tais como a auto-declaração, lealdade a um país e identidade política. Fazer um julgamento das migrações apenas como boas ou ruins pode levar a julgamentos precipitados e a desprezar aspectos afetivos e necessidades materiais, cada vez mais presente no esporte.

Referências

1. Comitê Olímpico do Brasil Guia para a Imprensa Jogos Olímpicos Rio 2016. Disponível em <https://www.cob.org.br/Handlers/RecuperaDocumento.ashx?codigo=4540> [2017 set 28].
2. Sportv. Brasil estreará em cinco modalidades olímpicas nos Jogos Rio 2016. Disponível em <http://sportv.globo.com/site/programas/almanaque-olimpico/noticia/2015/11/brasil-esteara-em-cinco-modalidades-olimpicas-nos-jogos-rio-2016.html> [2017 set 28].
3. Portal EBC. Brasil chega ao Rio 2016 com maior delegação e estreia em cinco modalidades. Disponível em <http://www.ebc.com.br/esportes/rio2016/2016/07/recordes-brasil-competira-com-462-atletas-nos-jogos-olimpicos-do-rio-2016>

[2017 set 28].

4. Frazão AC. Uma breve análise sobre o direito à nacionalidade. *Jus Navigandi*; 2000; Disponível em <https://jus.com.br/artigos/57> [2017 jan 3].
5. Spiro PJ. The End of Olympic Nationality. In: Rubenstein K, editor. *Allegiance and identity in a globalised world*. Cambridge (UK): Cambridge University Press; 2012. Disponível em <https://ssrn.com/abstract=1904601> [2017 set 28].
6. Houlihan B. Sport and Globalization. In: Karen D, Washington RE, editores. *The Sport and Society Reader*. Nova York: Routledge; 2010.
7. Rubio K. *Atletas Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: Sesi; 2015
8. Nunes AV. A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da USP; 2011.
9. Almeida W, Rubio K. Three Athletes, Two Countries and a Single Club: The Process of Identity Formation of Immigrant Sailors in Brazil. *Open Access Library Journal*. 2017; 4: 1-12.
10. Poli R. The denationalization of sport: De-ethnicization of the nation and identity deterritorialization. In: Karen D, Washington RE, editores. *The Sport and Society Reader*. Nova York: Routledge; 2010.
11. Maguire J. Assessing the sociology of sport: On globalization and the diffusion of sport. *International Review for the Sociology of Sport*. 2014; 50(4-5): 519-523.
12. Campbell R. Staging globalization for national projects: Global sport markets and elite athletic transnational labour in Qatar. *Int Rev Sociol Sport*. 2010; 46(1): 45-60
13. Maguire J. 'Política' o 'Ética': deporte, globalización, migración y políticas nacionales. *EFDeportes*; 2007. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd111/deporte-globalizacion-migracion-y-politicas-nacionales.htm> [2017 jan 3].
14. Folha de São Paulo. Com salário maior, estrangeiros se naturalizam brasileiros com ajuda do COB. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/05/1773601-com-salario-maior-estrangeiros-se-naturalizam-brasileiros-com-ajuda-do-cob.shtml> [2017 set 28].
15. Jornal O Tempo. Brasil terá estrangeiros naturalizados para bater meta no Rio 2016. Disponível em <http://www.otempo.com.br/superfc/outros/brasil-ter%C3%A1-estrangeiros-naturalizados-para-bater-meta-no-rio-2016-1.1060583> [2017 set 28].
16. Revista Época. Os estrangeiros que vestirão verde e amarelo na Olimpíada. Disponível em <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/02/os-estrangeiros-que-vestirao-verde-e-amarelo-na-bolimpiada-do-riob.html> [2017 set 28].
17. Portal EBC. Brasil tem 18 atletas nascidos fora do país na disputa por esportes menos populares. Disponível em <http://www.etc.com.br/esportes/rio2016/2016/07/brasil-tem-14-atletas-estrangeiros-na-disputa-por-esportes-menos-populares> [2017 set 28].
18. Lico FAA. O boicote aos jogos olímpicos de Moscou - 1980: uma análise da reação do movimento olímpico brasileiro e internacional. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da USP; 2007.
19. Lemos DLR. A história social do movimento olímpico brasileiro no início do Século XX. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da USP; 2008.
20. Do 'R. D. Freundschaft' ao Grêmio Náutico União 1/IV/1906 – 1/IV/1981 75 anos de lutas e Glórias. Grêmio Náutico União, Porto Alegre; 1981.
21. Macedo RL. O Esporte no Estado Novo: Vigilância, formação e controle em época de guerra. 1º Encontro da Alesde; ago 2008; Curitiba, Brasil. Disponível em <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/o-esporte-estado-novo-vigilancia-formacao-controle-epoca-guerra.pdf> [2017 jan 3].
22. Hobsbawm EJ. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. São Paulo: Rio de Janeiro; 1988.
23. Rubio K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Rev. bras. educ. fis. esporte (Impr.)*. 2010; 24(1): 55-68.
24. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. Disponível em <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes.html> [2017 jan 3].
25. Marques RFR, Gutierrez GL, Montagner PC. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. *R. da Educação Física/UEM*. 2009; 20(4): 637-648.
26. Giglio SS. "COI x Fifa: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos". [Tese de Doutorado]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da USP; 2013.
27. Ferreira Júnior NS. A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol: uma análise com base em narrativas biográficas. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da USP; 2014.
28. Telles SCC. A Identidade do jogador de polo aquático e o mito da masculinidade. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho; 2002.
29. Lee S. Global outsourcing: A different approach to an understanding of sport labor migration. *Global Business Review*. 2010; 11(2): 153-165.

30. Jornal Lance. Com sete 'gringos', seleção de hóquei é convocada para os Jogos Rio 2016. Disponível em <http://www.lance.com.br/rio2016/com-sete-estrangeiros-selecao-hoquei-convocada-para-rio-2016.html> [2017 set 28].
31. Globoesporte.com. Após 2 anos longe da Seleção, gêmeas do polo celebram Olimpíada. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/polo-aquatico/noticia/2016/08/apos-2-anos-longe-da-selecao-gemeas-do-polo-celebram-olimpiada.html> [2017 set 28].
32. Confederação Brasileira de Hipismo. Amazona Tess Oliveira, goleira, e sua irmã Amanda são destaque no Time Brasil de Polo Aquático. Disponível em <http://www.cbh.org.br/index.php/noticias-geral/6735-amazona-tess-oliveira,-goleira,-e-sua-irm%C3%A3-amanda-s%C3%A3o-destaque-no-time-brasil-de-polo-aqu%C3%A1tico.html> [2017 set 28].
33. UOL Esporte. Americana deixa vestibular de medicina de lado para jogar rúgbi pelo Brasil. Disponível em <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2015/06/05/americana-deixa-vestibular-de-medicina-de-lado-para-jogar-rugbi-pelo-brasil.htm> [2017 set 28].
34. Revista Boa Forma. Quem é a atleta do rúgbi que foi pedida em casamento por voluntária das Olimpíadas. Disponível em <https://boaforma.abril.com.br/fitness/quem-e-a-atleta-do-rugbi-que-foi-pedida-em-casamento-por-voluntaria-das-olimpiadas/> [2017 set 28].
35. UOL Esporte. Sem folga, brasileiro do rúgbi teve de seguir trabalhando da Vila do Pan. Disponível em <https://pan.uol.com.br/noticias/2015/07/13/sem-folga-brasileiro-do-rugbi-teve-de-seguir-trabalhando-da-vila-do-pan.htm> [2017 set 28].
36. BBC Sports. Juliano Fiori: The Londoner bidding to play for Brazil at the Rio 2016 Olympics. Disponível em <http://www.bbc.com/sport/olympics/35588353> [2017 set 28].
37. Folha de São Paulo. Processo de naturalização avança, e armênio pode lutar pelo Brasil nos Jogos Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/06/1777682-processo-de-naturalizacao-avanca-e-armenio-pode-defender-o-brasil-na-olimpiada.shtml> [2017 set 28].
38. UOL Esporte Armênio supera polêmica e galpão abafado para levar vaga na Rio-2016. Disponível em <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/07/15/armenio-supera-polemica-e-galpao-abafado-para-levar-vaga-na-rio-16.htm> [2017 set 28].
39. IG Esporte. Conheça a esgrimista italiana que competirá pelo Brasil nos Jogos do Rio. Disponível em <http://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-06-14/conheca-a-esgrimista-italiana-que-competira-pelo-brasil-nos-jogos-do-rio.html> [2017 set 28].
40. Globo Esporte. COI oficializa e 4x100 feminino do Brasil herda bronze de Pequim 2008. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2016/09/coi-oficializa-e-4x100m-feminino-do-brasil-herda-bronze-de-pequim-2008.html> [2017 set 28].
41. Sportv. Irmãos remadores defenderão países diferentes nos Jogos: Brasil e Espanha. Disponível em <http://sportv.globo.com/site/programas/almanaque-olimpico/noticia/2016/06/irmaos-remadores-defenderao-paises-diferentes-nos-jogos-brasil-e-espanha.html> [2017 set 28].
42. Poulton E, Maguire J. 'Plastic' or 'Fantastic' Brits? Identity Politics and English Media Representations of 'Team GB' during London 2012. JOMEC journal. 2012; 1(2): 1-30.
43. Maguire J. Cruzando fronteras: comprendiendo el sentido de la migración y el deporte. EFDportes. 2011; 154. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd154/comprendiendo-el-sentido-de-la-migracion-y-el-deporte.htm> [2017 jan 3].
44. Santos M. A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec; 1996.